

Criação de Filhos

Investindo na continuidade do propósito de Deus



Sumário

Aula 1 - A relação do casal na educação dos filhos	3
Afinidade e comunhão	
Cultura e educação	
Aula 2 - Paternidade	7
Ênfase sobre os pais	
1. Os pais como mordomos	
2. Pai, sacerdote, profeta e rei	
3. Pai desertor	
4. A fé do pai	
5. Os deveres do pai	
6. Desobediência dos pais	
7. Pais precoces e pais tardios	
8. Restauração dos pais	
Aula 3 - As fases do desenvolvimento humano - infância e Adolescência	13
Características da infância – desenvolvimento	
1. Desenvolvimento mental	
2. Necessidades básicas da criança	
2.1. Significação	
2.2. Segurança	
2.3. Aceitação	
2.4. Deus	
Adolescência	
1. A disputa pela atenção	
2. O exemplo dos pais	
3. O quarto do adolescente	
4. Orientando o horário de estudo	
5. Disciplina	
6. O filho único	
7. Briga de irmãos	
Aula 4 - Lições práticas	20
Limites	
Birra	
Liberdade	
Erro	
Aula 5 - Preparando as futuras famílias - ensinar a visão	24
Uso do tempo e dinheiro	
Responsabilidade – hábitos de trabalho	
Carreira e casamento	
Bibliografia utilizada	28

Aula 1 A relação do casal na educação dos filhos

É essencial que o casal seja unânime na forma como vai educar os filhos. Sem unidade, não pode haver respeito dos filhos à autoridade dos pais. Mesmo pequenino, o filho percebe na hora se o pai e a mãe não estão concordando entre si e aproveita a brecha para não obedecer. O casal precisa conversar sobre a necessidade de se ter unidade nos assuntos que apresentam discordância para que a família não venha a ser destruída.

Quando a mãe omite fatos dos filhos ao pai por medo da reação deste, demonstra falta de relacionamento entre o casal, levando insegurança e ausência de fé na autoridade do pai. Às vezes o filho está precisando exatamente daquilo que o pai tem para dar.

Caso haja excesso na atitude do pai no momento de disciplinar o filho, a mulher deve chamar o cônjuge ao diálogo para resolver a questão. A forma de a mãe proteger o filho do castigo em excesso não é omitindo do pai suas ações, mas conversando com o marido e buscando alternativas mais adequadas para a correção.

É necessário que haja colaboração entre marido e mulher. Há mães que não exercem autoridade sobre os filhos e só sabem dizer: “você vai ver quando seu pai chegar”. Ela tira toda sua responsabilidade e joga sobre o marido, imprimindo na cabeça da criança a constatação de que realmente não exerce nenhuma autoridade sobre ela. Caso seja necessário resolver junto com o pai determinada situação, a mãe deve deixar claro para a criança que, nas medidas que serão tomadas, haverá participação de ambos, fazendo-a entender que não faltou autoridade da parte dela.

Afinidade e comunhão

O conhecimento que possibilita um comportamento atitudinal se consolida na alma e não no intelecto, pois a alma só realiza aquilo que não é de seu agrado caso esteja submissa ao espírito. Portanto é necessário que os pais conheçam seus filhos pela alma para que os ensinamentos sejam eficazes e que os filhos conheçam a Deus e se relacionem com Ele para que seu espírito seja fortalecido a ponto de subjugar a alma. Sendo a alma subjugada pelo espírito, o indivíduo será obediente aos ensinamentos espirituais.

O conhecimento profundo sobre os filhos facilita o acompanhamento em relação a eles. Conhecendo as emoções, qualquer mudança no humor é perceptível, como a maneira de se expressar, o olhar, o tom da voz, que são mecanismos que levam a descobrir o que de fato se passa com o indivíduo.

Os pais que conhecem os filhos neste nível dispensam métodos investigativos para saber o que se passa com eles; além disso, transmitem-lhes grande segurança, levando-os a um relacionamento aberto para expor qualquer problema que surgir. Conhecendo os filhos pela alma, aproximam-se os corações e quando estes estão próximos, não são necessários gritos, palavras ásperas e manifestações de humor negativo. Corações próximos permitem o diálogo com sentimento de ternura até mesmo nos assuntos mais difíceis. Os problemas são vistos como mecanismo de crescimento, pois a busca de soluções é o treinamento para a formação de um cidadão maduro e competente para dar continuidade ao propósito para o qual Deus o criou.

Conhecer pela alma é o relacionamento de afinidade entre as pessoas e, entre os membros da família, esta afinidade está em seu grau máximo. Este conhecimento se dá pela expressão do pensamento de cada um, suas opiniões, o jeito peculiar de ser, formas de expressar os sentimentos que conseqüentemente provocam uma influência mútua entre os membros. No entanto as afinidades não são suficientes para estabelecer as bases que fundamentam a nossa vida e os ensinamentos que queremos passar aos nossos filhos, pois a alma assimila apenas o que o meio lhe oferece de agra-

dável. A alma se afina bem com o prazer, pois a perda, renúncia e submissão, conceitos de níveis espirituais não lhe são apreciáveis. É preciso, no entanto, muito mais que afinidade para alcançar o mundo espiritual. Para isso é necessária a comunhão, que só acontece no nível do espírito e que só pode ocorrer com quem tem um espírito submisso e quebrantado a Deus. Os princípios e valores que regem a nossa vida estão nesse campo, por isso a importância de se avançar para o nível da comunhão.

Cultura e educação

Se quisermos obedecer à ordem da palavra de Deus de não nos conformarmos com este século e nem seguir o curso deste mundo (Rm 12.2; Ef 2.2), temos de fazer algumas decisões sérias em nossa família. O importante não é elencar aqui uma série de costumes e determinar se estão certos ou errados, mas deixar claro que é o conhecimento das verdades bíblicas que vai dar o norte que cada família cristã deverá seguir.

Nós, como cristãos que buscamos o reino de Deus, devemos proporcionar o surgimento de uma sociedade alternativa com cultura, projetos e alegrias diferentes. Devemos criar nossa família tirando costumes desarticulados da palavra de Deus e substituindo-os por coisas melhores como passeios, aventuras e tempos edificantes com a família.

A família cristã não pode se tornar refém dos costumes e preceitos sociais quando vai tomar decisão quanto à educação de seus filhos. Um dos pontos sociais que mais afeta a família cristã é a questão dos relacionamentos de namoro. A sociedade não tem parâmetro nenhum quanto a essa relação e exerce uma pressão sobre os jovens e, por que não dizer?, “crianças” nos dias de hoje que ainda não namoram. Os pais que apresentam fragilidade de relacionamento com seus filhos ficam reféns desta situação e acabam cedendo, deixando assim seus filhos correrem riscos em tais relacionamentos que nos padrões da vida cristã têm uma conotação extremamente diferente, baseada em propósitos e princípios específicos cujo objetivo é proteger a vida espiritual. O tema adolescência discutirá mais esse aspecto.

A questão cultural não é de todo agressora dos princípios cristãos. Algumas questões da cultura têm um comportamento neutro quanto à espiritualidade e, neste caso, faz-se necessária uma análise cuidadosa ao se envolver com tais fatos. Como exemplo, temos os novos papéis conjugais que vão mudando com o tempo de acordo com a evolução do pensamento social e que foram provocados pela nova visão do trabalho e os avanços da sociedade quanto à tecnologia.

Nos dias de hoje, as mulheres estão ocupando mais o mercado de trabalho, e a participação dos pais nos trabalhos domésticos e nos cuidados com os filhos tem sido bem mais amplo. Com isso, os filhos sentem-se mais valorizados pela figura paterna e têm a possibilidade de provocar mudanças maiores quando chegar sua vez de serem pais.

A mãe que guardou o diploma universitário para virar rainha do lar, reprimiu-se e deixou-se reprimir pelos pais, pelo marido e pela sociedade, ao dedicar-se exclusivamente aos filhos, tende a cobrar destes a responsabilidade de sua insatisfação.

Ao se libertar do pesado fardo de ser o único provedor do lar, o pai também está mudando seu comportamento perante os filhos.

Nesta escalada cultural, os costumes dos filhos não dependem só do que eles aprendem dentro de casa. A educação escapou ao controle da família porque, desde pequena, a criança já recebe influência da escola, dos amigos, da televisão e da internet. Desse modo, entra em contato com modelos diferentes de funcionamento muito mais cedo. Cabe aos pais intensificar a relação para fazer a filtragem desses agentes externos da cultura para não colocar a perder todo o esforço educacional proporcionado no seio da família. Os pais não podem deixar os filhos à vontade diante da TV e computadores, muito menos omitirem a participação em sua vida social procurando saber quais são seus

amigos e qual foi o teor dos relacionamentos com estes durante o dia.

A cultura interferiu drasticamente no tempo disponível dos pais para com os filhos, principalmente o das mães. Nesse sentido, é importante administrar bem esse fator tão importante. É preciso chegar ao equilíbrio entre estar próximo dos filhos e ser atencioso e ser eficiente no trabalho. Pais que se ausentam de casa o dia todo precisam aproveitar o pouco tempo disponível para educar bem o filho. A mãe não deve se sentir culpada pela ausência e cair na superproteção. Essa forma exagerada de amar é inadequada, porque os pais não têm culpa de sair para trabalhar – fazem porque precisam. Nesse sentido, cabe lembrar que é sempre necessário analisar tal necessidade, pois é o motivo das ações que determina as reações. Se a motivação do trabalho tem sido a busca de independência financeira, o atendimento do instinto consumista e outras situações supérfluas, as conseqüências serão extremamente desastrosas. Sendo justas as motivações, os filhos irão entender e colaborar na relação, aproveitando melhor o tempo disponível que lhes foi proporcionado.

Por exemplo, ao chegar do trabalho, se a mãe quer dar uma rápida arrumada na casa, primeiro ofereça o abraço, faça a farra, depois explique que tem afazeres a cumprir. Nada impede que essas tarefas domésticas sejam executadas a três (pai, mãe e filho) e, desse modo, sobre mais tempo para todos brincarem depois. Se desde pequena a criança for incluída nas tarefas, ela estará participando, convivendo e, no futuro, os serviços da casa não serão sentidos por ela como um peso a ser rejeitado.

Quando o filho é adolescente, os pais devem ir até onde ele está, quase sempre no quarto, mas nada de ficar revistando o ambiente à procura de vestígios de estudo e nada de modificar muito o que ele estava fazendo.

Não é porque a mãe chegou em casa que o adolescente vai largar tudo e ficar com ela, pois ele já não se importa se a mãe cumpre suas tarefas domésticas primeiro e deixa a conversa para a hora do jantar.

Às vezes, até pode dizer-lhe que está tão cansada que precisa de uns minutos de paz em casa. Adolescentes entendem esse pedido, crianças não. Mesmo muito esgotada, a mãe deve levar bom humor para casa.

Os avós, sem dúvida, são uma bênção nas nossas vidas, são uma valiosa ajuda física para os pais que precisam trabalhar fora, mas quando se trata de educação de filhos, existe a possibilidade deseducativa muito grande. Precisa haver pontos definidos quando os avós têm uma participação além do que seja natural. Em outras palavras, os avós já estão dispensados desta tarefa de educar, agora querem tranqüilidade e alegria com os netos. É preciso considerar que cada vez mais a presença dos avós na educação dos filhos tem sido determinante nos dias atuais. A entrada da mulher no mercado de trabalho provocou uma mudança no relacionamento entre avós e netos, pois para a maioria da população de baixa renda restou a única saída de deixar os seus filhos com os avós. Neste caso é preciso perceber a diferença entre a participação dos avós na vida dos filhos simplesmente como avós e avós/educadores. Quando os avós são incumbidos de cuidar dos filhos enquanto os pais trabalham, as circunstâncias requerem que os primeiros participem de uma forma mais próxima da educação, já que sua interferência na formação dos netos é inevitável. Nesse caso, os pais precisam tomar muito cuidado para que no momento em que a educação esteja sendo realizada por eles, não haja confusão na cabecinha da criança em razão dos métodos utilizados, extremamente diferentes daqueles a que foi submetida durante todo o tempo em que estava com os avós. Sendo esse o caso, é preciso administrar a diferença desses métodos, do contrário as crianças ficarão confusas e aproveitarão as situações contraditórias para realizar os seus caprichos. Ao decidir colocar os filhos sob a responsabilidade dos avós, os pais devem estar cientes de que aqueles exercerão influência e que, nesse caso, devem usar métodos semelhantes para aplicar sua educação nos momentos em que os filhos estiverem sob sua responsabilidade. Caso haja uma discordância fundamental quanto ao método educacional, não é aconselhável que os avós sejam responsáveis por esta tarefa ou qualquer outra que seja.

Quando os avós não têm a responsabilidade de cuidar dos filhos, o relacionamento é completamente diferente, pois no geral avós não foram feitos para educarem netos, mas para paparicá-los e, nesse caso, os pais devem evitar qualquer interferência negativa no sentido de induzir os filhos a não se submeterem aos limites colocados pelos eles (os pais). Não permitir que o excesso de paparicação dos avós interfira nos princípios que estão sendo ensinados aos filhos.

Aula 2 Paternidade

Ênfase sobre os pais

Ser marido e esposa afeta apenas uma geração, mas o papel dos pais afeta mais do que uma geração. O efeito da paternidade é tremendo. Quando Paulo menciona o assunto de paternidade em Efésios e Colossenses, ele dá ênfase apenas aos pais. Isso talvez seja pelo fato de, desde daquela época, a sociedade apregoar que a educação é obrigação da mãe. Coube ao apóstolo Paulo mostrar que não é bem por aí. Tendo em vista que a mãe já tinha um papel importante na formação dos filhos, Paulo teve como objetivo ressaltar a posição do pai. Certamente ambos são responsáveis pela criação dos seus filhos. Provérbios 1:8 deixa claro que a responsabilidade da criação dos filhos está tanto sobre os pais quanto sobre as mães.

Uma outra razão para essa ênfase que Paulo dá aos pais deve ser o fato de que eles estão tão preocupados com as coisas deste mundo (a provisão material para a família), seus trabalhos, seus relacionamentos sociais que acabam negligenciando a sua responsabilidade para com os filhos. Outro fato é que geralmente são os pais que irritam os filhos devido ao seu jeito rigoroso e responsável de ser, exigindo em excesso. Paulo adverte, justamente levando em conta esse aspecto, para que os pais não desanimem os filhos. Essa irritação é mais profunda do que a irritação cotidiana experimentada pelas mães, pois essa irritação a que Paulo se refere atinge o ânimo dos filhos.

1. Os pais como mordomos

Os pais são responsáveis pela família, pela criação dos filhos, com a ajuda das mães, pois estas foram colocadas para o homem como suas ajudadoras, aquelas que circundam e auxiliam.

Os pais precisam se conscientizar de que ter filhos é uma tremenda responsabilidade. Os pais são mordomos, pois Deus lhes confiou uma alma vivente, uma personalidade, uma vida. Como essa vida irá se desenvolver? Se o resultado será um adulto maduro, ou um total fracasso, uma desgraça, um desastre, isso está nas mãos dos pais. Essa vida não é algo temporal, mas para a eternidade. Deus considera os pais, incluindo as mães, pessoas dignas de confiança para essa grande tarefa. Podemos ver isso em José e Maria. Deus lhe confiou a formação do Seu filho, o maior de todos, que tivera uma incumbência de trazer a salvação à humanidade. Portanto José e Maria não podiam falhar em sua educação, pois a humanidade estaria comprometida. Assim também nós, cristãos, não podemos falhar, pois o mundo espera ansioso a manifestação dos filhos de Deus, e estes precisam refletir verdadeiramente o Deus vivo através da Igreja.

Deus nos deu os filhos para serem criados na disciplina e admoestação do Senhor. Devemos ensinar os nossos filhos, devemos discipliná-los, mas nunca irritá-los.

2. Pai, sacerdote, profeta e rei

Em todos os lares, de todas as dispensações, todo pai tem três ministérios específicos. Ele recebe esses ministérios da própria autoridade divina, e nunca poderá renunciá-los.

O pai cumpre um lugar na família semelhante ao padrão encontrado em Cristo. Em relação à igreja, Cristo é sacerdote, profeta e rei. Deus tem constituído o homem na família como seu representante com os mesmos ministérios.

Como sacerdote do seu lar, o pai representa sua família na presença de Deus. Como profeta do seu lar, ele faz o contrário, apresenta Deus à sua família. Como chefe, ou rei, do seu lar, ele governa sua família no lugar de Deus.

Como sacerdote, o pai tem a responsabilidade de interceder por sua família diante de Deus. Ele leva diante de Deus todas as necessidades da sua família. Cada membro da família é levado à presença de Deus diariamente pelo pai. Ele também traz a proteção e bênção de Deus sobre sua família, exercendo fé a seu favor. Esta é uma das maiores responsabilidades do pai: exercitar a sua própria fé a favor da sua família.

Como profeta, o pai representa Deus a sua família. A imagem que a criança tem de Deus vem por intermédio de seu pai. A partir do caráter e personalidade do pai é que as crianças formam seus primeiros conceitos de Deus. Todo pai tem a responsabilidade de representar Deus a sua família. Ele é o porta-voz de Deus no lar. É ele que deve ensinar as coisas de Deus aos filhos.

Como rei, o pai deve dirigir sua família como representante da autoridade divina. Dentre as qualificações de um líder espiritual na igreja, o homem deve possuir a capacidade de governar bem a sua própria casa (1 Tm 3:4).

3. Pai desertor

Um pai desertor é aquele que foge das suas responsabilidades. A maioria dos homens modernos tem fugido das suas três responsabilidades básicas: de pai, marido e líder espiritual. O resultado disso é que a sociedade a cada dia passou a viver debaixo da influência das mulheres. Não que a participação da mulher na sociedade e na igreja não seja importante, o problema é que elas têm assumido um papel que não é delas em detrimento da irresponsabilidade dos homens nos dias de hoje. Entre os cristãos, por exemplo, o que acontece? Se alguém ora com as crianças na hora de dormir, quem é que ora? A mãe. Se alguém lê a Bíblia às crianças na família, quem é que faz isso? A mãe. Quem ora com o filho quando está doente? A mãe. Quem arruma as crianças para levá-las à igreja? A mãe.

Isto não é errado, pois a mãe deve fazer parte integral do crescimento espiritual. O que está errado é quando todas essas tarefas estão sendo feitas apenas pela mãe, enquanto o iniciador e orientador de toda a vida espiritual no lar deixa suas responsabilidades à mãe.

Quando essas coisas acontecem no lar, a mensagem que está sendo passada para os filhos homens é a seguinte: ser como o pai é deixar as coisas de Deus para o sexo feminino. E para a filha passa a idéia de que ter um homem em sua vida não é positivo, pois sobra para ela um maior número de responsabilidades.

Quando seu filho se desviar, Deus colocará a responsabilidade por cima da sua cabeça. Você era seu sacerdote, seu profeta, e seu rei. Considerando o livre arbítrio, isto é, a escolha individual de cada um, se seu filho falhou, há uma grande possibilidade de que você tenha falhado. Você pode ser presidente de banco ou um atleta excepcional, mas se não for um bom marido e pai, diante de Deus, você é um fracasso.

Mas a nossa condição com certeza não é esta, pois Deus, ao nos escolher, sabia da nossa condição. Portanto Deus jamais abandona, pois ele dará todas as condições para realizarmos esse propósito tão sublime. Não faltará revelação em sua palavra, autoridade concedida pelo seu Espírito, misericórdia e sabedoria para lidarmos com as nossas responsabilidades. Nesse sentido, é preciso que entendamos que sem Deus em nossas vidas, não temos condições de educar segundo o que Ele determinou.

4. A fé do pai

No livro de Jó, vemos que este servo de Deus se levantava cedo e oferecia sacrifícios a favor de seus filhos e suas filhas para o caso de terem pecado nos seus corações. Como pai, ele reconhecia sua responsabilidade como sacerdote de toda sua casa. A fé do pai se estende à família quando toma a posição de sacerdote, profeta e rei. Os filhos não serão salvos simplesmente pela fé do pai; significa,

antes, que através da fé e do ministério de um pai que exerce seu ofício divinamente designado, cada membro da família virá a possuir fé pessoal no Senhor Jesus, e dessa forma será salvo.

É importante lembrar que qualquer membro da família pode ser salvo através da fé da mãe ou de um dos filhos, pois o que se enfatiza aqui é a relação de autoridade de Deus através da vida do homem como pai.

5. Os deveres do pai

Os últimos capítulos de Efésios mostram o que é a vida no Espírito. O andar no Espírito aparece através de relacionamentos pessoais: esposas com maridos, maridos com esposas; pais com filhos e filhos com pais; patrões com empregados e empregados com patrões.

A palavra disciplina citada por Paulo poderia também ser traduzida por “educação”.

Um pai tem duas obrigações para com seus filhos. A primeira é comunicação. A segunda é educação. Se as vias de comunicação não permanecerem abertas entre o pai e seu filho, a educação deste filho será impossível. Não é suficiente o pai dar instrução; o filho precisa estar disposto a recebê-la. É por isso que o pai não pode provocar seus filhos à ira.

6. Desobediência dos pais

Quando os pais falham nas suas responsabilidades ordenadas por Deus, resulta a maldição. No capítulo 28 de Deuteronômio, encontramos todas as maldições que viriam sobre Israel como consequência da sua desobediência à Palavra do Senhor. Uma dessas maldições se refere à família. O versículo 41 se aplica diretamente à situação dos lares hoje.

Uma geração inteira de jovens tem entrado no cativo do ocultismo, das drogas e do sexo porque seus pais falharam. Filhos delinquentes, pais delinquentes. “Filho—problema significa pai—problema!”. Essas expressões dificilmente são aceitas por uma sociedade que está sempre procurando um outro para colocar a culpa de seus fracassos. Em última instância, acaba sendo Deus o próprio culpado, pois dizem “Deus quis assim”.

Ainda que consideremos o livre arbítrio, isto é, o poder de decisão individual, é preciso entender que a nossa missão como pais é colocar em evidência a nossos filhos o caminho perfeito. Devemos nos colocar numa posição de completa dependência de Deus e vigiar para que não falhemos. E, caso falharmos, não nos colocarmos numa posição de condenação, e sim mergulharmos em sua misericórdia, sem tratarmos a situação com leviandade, despojando-nos da responsabilidade que foi nos confiada, o que nos levaria a culpar outros ou até mesmo Deus.

Os problemas das crianças não se originam com elas. Começam com os próprios pais. Geralmente as crianças não possuem defesas suficientes para resistir a ataques das esferas espirituais da maldade. A responsabilidade é dos pais.

No livro do profeta Oséias, Deus revela seu julgamento sobre a obstinação e desobediência do povo de Israel. Essa é a descrição do povo de Deus hoje. As responsabilidades ordenadas por Deus têm sido abandonadas. “Visto que esqueceste da lei do teu Deus, também eu me esquecerei de teus filhos”.

7. Pais precoces e pais tardios

A precocidade ou o atraso em ser pai não estão relacionados especificamente com a questão da idade, embora esta seja fator determinante da maturidade do homem. Sabemos que existe diferença entre cada pessoa: algumas não precisam de tanta idade para adquirir a maturidade; outras, mesmo

com tempo avançado de vida, ainda não chegaram ao ponto de equilíbrio de um indivíduo maduro.

O perigo da precocidade em ser pai, isto é, experimentar a paternidade antes da maturidade, é que não terá condições suficientes para dar cabo de tal responsabilidade para com os filhos. Ao invés de trabalhar para transformá-lo em um adulto, vai fazer de tudo para regredir à fase do filho apenas para fazer uma média com ele, pois esse pai precoce ainda está na fase da competição. Principalmente quando o filho chegar à fase da adolescência e a imaturidade ainda persistir no pai, o chamado “conflito de gerações” terá uma maior relevância no processo.

Por outro lado, o pai já avançado em idade e que não consegue acompanhar as mudanças dos costumes e valores da sociedade e não compreende os princípios da palavra de Deus, a ponto de adequar-se a todas essas mudanças no sentido de conduzir o filho no caminho correto, tende a não alcançar o cumprimento de suas responsabilidades.

Outro fator importante é o deslumbramento pelo fato de ter o filho, como se essa esperança estivesse se acabando e, embevecido pela força da emoção, entende o filho apenas como uma realização de sua virilidade e de sua auto-satisfação, não dando importância à devida necessidade do processo de educação deste filho. Pois o mais importante é curtir-lo, em segundo plano fica o educar, segundo plano que não se sabe se se efetivará.

8. Restauração dos pais

Em Malaquias, numa profecia, Deus declara o que Ele vai fazer antes do julgamento final (Ml. 4:5,6).

Os relacionamentos errados na família serão restaurados pelo Espírito que esteve presente no profeta Elias: a conversão do coração dos pais aos filhos e do coração destes a seus pais. Primeiro deve acontecer a restauração dos pais aos filhos. Restauração e reconciliação nos lares se iniciarão com os pais. Se os pais se voltarem a seus filhos, certamente os filhos se tornarão a seus pais.

Deus não tem uma palavra de condenação para estes dias, Ele tem na sua palavra maravilhosas promessas para aqueles que cumprirem as suas condições, que se arrependem dos seus caminhos, e que voltarem a Ele, sujeitando e aceitando suas responsabilidades de pais.

Precisamos de Deus, o nosso pai celestial, porque é ele que nos mostra o que é ser um pai verdadeiro. Em seu grande amor, Deus quer nos animar e capacita-nos para que possamos cumprir os nossos deveres e compromissos de pai.

Aula 3 As fases do desenvolvimento humano - infância e adolescência

“Quando vejo uma criança, ela me inspira dois sentimentos: ternura pelo que ela é, respeito pelo que poderá ser” (Jean Piaget).

“Uma criança é sempre uma criança onde quer que possa estar. Mas uma criança só é criança por uma vez... E alguns dizem que se ela não for criança que é ajudada a crescer, então ela poderá não ser o adulto que poderia ter sido” (Flinchum).

Características da infância – desenvolvimento

Aos dois anos de idade, teoricamente, a criança já se reconhece, comunica suas necessidades instintivas e se recusa a fazer o que não tem vontade.

Aproximadamente aos 6 anos de idade, já se encontram desenvolvidos 90 a 95% do cérebro. A coordenação motora e as habilidades desportivas múltiplas devem ser estimuladas nesse período ao máximo, por meio de jogos e brincadeiras, exatamente pelo fato de o cérebro estar pronto a receber uma boa gama de informações. As atividades devem possuir objetivo lúdico e não competitivo.

“Perder pode provocar cenas, agressão e choro. Isso não significa que as crianças não possam tolerar não ser as primeiras na maioria de suas atividades, mas nos esportes e nos jogos elas necessitam de ajuda para aprender a perder esportivamente”. Elas têm uma idéia muito limitada do significado de ganhar ou perder ou de superar os outros. Cada criança trabalha ou joga para si mesma, pelo prazer da atividade. Ela não joga contra os outros.

As crianças têm estruturas mentais diferentes das dos adultos. Não são adultos em miniatura; elas têm seus próprios caminhos para determinar a realidade e ver o mundo.

Dos 4 aos 7 anos – fase escolar –, há um elevado instinto de movimento e vivência lúdica, uma grande curiosidade pelo desconhecido. A capacidade de concentração da criança é de aspecto médio a baixo, os jogos de raciocínio lógico devem ser introduzidos de maneira lenta e gradual. Visto que as crianças estão em plena fase intuitiva, suas deduções não podem ser menosprezadas, coibidas ou repreendidas pelos adultos.

1. Desenvolvimento mental

O desenvolvimento mental humano é influenciado por quatro fatores inter-relacionados e abaixo enumerados:

1. **Maturação:** amadurecimento físico, especialmente do sistema nervoso central.
2. **Experiência:** manipulação de objetos, movimentos corporais e pensamentos sobre os objetos concretos e processos de pensamentos que os envolvem.
3. **Interação social:** jogos, conversas e trabalho com outros indivíduos, especialmente outras crianças.
4. **Equilibração:** é o processo de reunir maturação, experiências e socialização de modo a construir e reconstruir estruturas mentais.

1.1. Estágios do desenvolvimento

Os pais do bebê têm que fazer tudo por ele pelo amor dadivoso, até ele começar a fazer sozinho o que quer e/ou precisa. É muito importante que a criança comece a fazer as coisas conforme sua capacidade. Está na hora de os pais acrescentarem ao relacionamento o amor que ensina. Quanto mais ela aprender, tanto mais a sua auto-estima melhora e mais segura se tornará.

Há mães que não admitem interferências nos seus relacionamentos com os filhos. São mães onipotentes que acreditam que se foram capazes de gestar, parir e criar um filho, saberiam também educá-lo. A realidade atual tem comprovado que elas se enganam.

1.2. Necessidades básicas da criança

1.2.1 Significação

Todos os seres humanos necessitam ser notados, apreciados e amados; as crianças precisam de tudo isso e alguns cuidados a mais que os adultos.

Quanto à necessidade de atenção, é fundamental perceber que os pais estão preenchendo deficientemente esse quesito, pois as crianças podem ter crises de raiva e estragar os brinquedos de outros somente para chamar a atenção.

Para que as crianças tenham atenção devida é necessário que os pais atentem primeiro para como eles estão, pois se os pais estiverem felizes, essa felicidade é transmitida à criança. Os pais devem mostrar afeição e amor um pelo outro na frente dos filhos. Se a mulher não amar mais o marido do que os filhos, tanto os filhos como o casamento estão em perigo. Quando os pais enriquecem sua vida conjugal, estão ao mesmo tempo enriquecendo a vida dos filhos, e eles podem sentir isso. O casamento é permanente, enquanto a paternidade é passageira. As crianças não devem ser o centro, o ponto focal da família. O centro correto é o relacionamento marido-mulher.

Os pais não devem chamar as esposas de mãe e nem as esposas chamar o esposo de pai. Pois as crianças precisam de significação própria. Não se pode confundir relação entre cônjuge com relação filial, as formas de carinhos são diferenciadas. As crianças precisam desde cedo diferenciar os relacionamentos, pois no futuro elas terão relações entre adultos, e caso as diferenças não estejam definidas, vão confundir as relações tratando o namorado(a) ou cônjuge como se tratam pais e irmãos.

A significação desenvolvida nas crianças depende muito das ações dos pais, pois essa construção não se realiza pelo envolvimento social, e sim no seio familiar. Nesse caso, os pais devem tomar cuidado para não tentar realizar-se através dos filhos.

O tratamento dado aos filhos é fator relevante na formação de sua auto-estima, isto é, significação. Os elogios e palavras de afirmação são alimento fértil nesse aspecto. Se uma criança ouvir repetidamente que jamais será nada, começará a acreditar nisso. O contrário também é verdadeiro. Elogiar a criança desde cedo, quando ela faz pequenos serviços, dá-lhe uma sensação de significado. Por isso é importante deixar os filhos ajudarem em casa, a criança gosta de ajudar. A tentação é afastar a criança e fazer você mesmo; então, quando ela chega à adolescência, você reclama porque ela não ajuda.

É importante apresentar as crianças a outros. Geralmente, quando se está junto com crianças no momento em que adultos são apresentados uns aos outros, esquece-se delas. Quando os pais ou outras pessoas consideram a criança digna de ser apresentada pelo nome, isso contribui para que ela desenvolva um senso de dignidade.

Deixe que a criança fale por si mesma. É grosseiro por parte dos pais responder a uma pergunta feita à criança.

Dê à criança o privilégio da escolha quando isso for possível e respeite suas opiniões ainda que

haja discordância, colocando o seu ponto de vista com argumentação sem desconsiderar a maneira de ela pensar. A personalidade se desenvolve à medida que se tomam decisões. Certos assuntos exigem a decisão dos pais, como é natural. Mas diversas escolhas não têm qualquer significado moral ou eterno. Quando permitimos que a criança faça a escolha, nós lhe damos um sentimento de significado.

1.2.2. Segurança

Os pais não podem mudar a cor dos olhos de seu filho, mas podem dar aos olhos a luz da compreensão, o calor da simpatia. Eles não conseguem mudar muito o aspecto da criança, mas podem, de muitos modos, dotar a criança com o brilho da humanidade, bondade e amizade, que a longo prazo talvez lhe proporcione muito mais alegria do que a perfeição que vence os concursos de beleza.

Existem algumas situações que criam insegurança nas crianças, como conflito entre os pais, mobilidade, isto é, mudanças constantes de casa, falta de disciplina adequada, falta de colocação de limites. As crianças mais inseguras são aquelas provenientes de lares onde não existem regras de comportamento estabelecidas. Os jovens podem parecer zangados ou injustiçados quando os limites são estabelecidos, mas ficam satisfeitos no íntimo, porque estes lhes dão um sentimento de segurança: papai e mamãe se importam.

A ausência dos pais cria insegurança, por isso é necessário que o casal administre bem o seu tempo entre trabalho e família. Dinheiro e presentes como recompensa por sua falta de tempo e amor geram um indivíduo egocêntrico, arrogante, sentimentos que demonstram a insegurança desenvolvida na criança.

As críticas contínuas são um fator preponderante para a insegurança, gerando nas crianças uma rejeição fatal pelos pais, o que leva, no futuro, a uma vida de crimes.

O que promove a segurança é praticar o contrário de tudo o que foi descrito acima, mudando a forma negativa para a positiva, mostrando como dar à criança a segurança de que precisa como: segurança que o pai e a mãe têm um pelo outro, um amor generoso e contínuo dos pais pelo filho. Para sentir-se segura, a criança precisa ser carregada, abraçada e ouvir palavras de afeto. O fato de sentir as mãos e os braços amorosos dos pais deixa impressa na mente da criança uma sensação de segurança; embora aparentemente esquecida, essa atitude tem uma tremenda influência sobre o ego da criança e o tipo de adolescente que vai se tornar. O amor ajuda as crianças a enfrentar o que vier. Carregar a criança e tocá-la ao falar-lhe são forças psicológicas positivas que promovem a segurança íntima, a satisfação e os bons relacionamentos.

O lar representa para a criança o ponto máximo de segurança quando nele manifestam-se amor, união e afeto entre seus pais. Para a criança, o significado de lar é o lugar para onde ela vai quando fica escuro. A disciplina adequada é outro fator importantíssimo na promoção de segurança. Pais excessivamente permissivos, indecisos, que deixam o filho à mercê de cada capricho ou impulso, são uma verdadeira ameaça à segurança dele.

Os pais não dão segurança cercando o filho de coisas materiais, mas envolvendo-os nos braços do amor.

1.2.3. Aceitação

Se o ambiente no lar inclui uma aceitação feliz e satisfeita da criança, ela sente-se valorizada e forte. A maneira como a criança é aceita nos primeiros anos determina em grande parte a estima que tem de si mesma e de outros quando chega à idade adulta.

Não se pode comparar a criança com outra, pois isso gera falta de aceitação. Quando se estabelece uma comparação, está-se colocando para a criança que ela não deveria ser o que é. Ainda que o foco

da comparação sejam as atitudes, as crianças não têm capacidade ainda para fazer a distinção; elas sempre vão se comparar a outra criança. A outra é aceita em detrimento dela; esse é o significado que a criança terá na mente.

Esperar que a criança realize os sonhos que os pais não puderam realizar, superproteger, esperar demais do filho são alguns pontos também que levam à não-aceitação.

Aceitação significa respeitar os sentimentos e personalidade do filho, embora lhe mostrando que o comportamento negativo é inaceitável. Aceitação significa que os pais gostam sempre da criança, sem levar em conta seus atos ou idéias.

O que dá lugar ao sentimento de aceitação é o reconhecimento do filho como único, a ajuda à criança a descobrir satisfação em seus empreendimentos, é deixar que a criança saiba que você a ama, a deseja e realmente a aprecia. Aceite os amigos de seus filhos, mantenha um relacionamento sincero e genuíno com a criança, ouça o que ela tem a dizer, trate-a como uma pessoa de valor, permita que ela cresça e se desenvolva a seu modo único e próprio, e tudo isso estará a favor de sua auto-aceitação.

1.2.4. Deus

“As palavras religiosas só têm valor para a criança na medida em que sua experiência no lar lhes dá significado” (Cânon Lumb).

“Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam” (Sl. 127.1).

É fácil para os adultos negligenciarem as necessidades espirituais e preocupações das crianças. É importante que a criança saiba qual a sua posição diante de Deus, sendo essencial que conceitos corretos de Deus lhe sejam ensinados desde cedo.

As escrituras advertem os pais a serem o tipo certo de pessoas, o que fará com que as crianças cresçam amando a Deus e servindo-O. Em Deuteronômio 6:6-8, encontramos orientações claras de apresentação do Deus de Israel aos filhos.

A Bíblia ensina que, em primeiro lugar, os próprios pais devem ter comunhão com Deus. Os pais que apenas contam aos filhos os fatos religiosos e depois os enviam à igreja não podem praticamente esperar que esses filhos aceitem esses fatos ou continuem freqüentando a igreja. O pai que dá boas instruções aos filhos, mas, ao mesmo tempo, lhes dá um mau exemplo, pode ser considerado como alguém que lhes oferece alimento numa das mãos e veneno na outra.

A Bíblia coloca a responsabilidade pelo treinamento religioso dos filhos diretamente sobre os pais. Deuteronômio diz que os pais devem ensinar com diligência a seus filhos. Os pais devem aplicar a verdade como um cirurgião aplica o bisturi – justamente onde se encontra a necessidade na vida da criança.

O desenvolvimento espiritual começa em casa. Por mais que a igreja cuide da criança nesse sentido, se não houver colaboração e encorajamento em casa, todo o esforço fica perdido. Deus coloca sobre os pais a tremenda responsabilidade de ensinar.

Adolescência

A adolescência é um período de desenvolvimento psicossocial, no qual o indivíduo se afasta da própria família para adentrar nos grupos sociais. Em casa freqüentemente se indispõe com os pais, mas na rua tolera amigos inconvenientes. (Içami Tiba).

Trata-se de um período de transição entre a infância e a vida adulta, caracterizado por intensas modificações físicas, psicológicas e sociais.

Período de mudanças fascinantes e ampliações de interesse onde ocorrem sensíveis transformações psíquicas e orgânicas. (Gioia & Rodrigues).

A adolescência é um segundo parto: nascer da família para andar sozinho na sociedade. Trata-se de um parto às avessas porque são os filhos que expulsam os pais do seu mundo psicossocial, apesar de continuarem dependendo deles em relação à moradia, comida, roupa, dinheiro, responsabilidades (os pais têm que assinar os boletins escolares, por exemplo).

Um mesmo adolescente pode agir de maneiras distintas, conforme a fase que estiver atravessando.

As etapas são cinco: confusão pubertária, onipotência pubertária, estirão, menarca/mutação e onipotência juvenil. Nas meninas, essas fases têm início entre nove e dez anos; a menarca ocorre aos onze ou doze anos, e daí sucede a onipotência juvenil.

A confusão pubertária é o período em que a hipófise começa a estimular todo o organismo a amadurecer, principalmente os ovários e os testículos. Essas transformações seguem o determinismo genético biológico, gerando comportamentos característicos conforme o sexo. É nessa etapa que surge o pensamento abstrato. A confusão estabelece-se porque partes do indivíduo funcionam como criança e outras já como púberes, como os hormônios sexuais.

A onipotência pubertária é muito mais evidente nos rapazes, que são inundados pela testosterona, o “hormônio de brigação”. Seus pés e mãos desenvolvem-se muito, embora cresçam pouco em altura. O pênis ainda conserva as características infantis, mas já há produção de espermatozoides. É a semenarca, que ocorre entre doze e treze anos. Considera-se a testosterona hormônio de “brigação em contraste com o estrogênio na menina que é o hormônio de ‘ligação’”. Com a testosterona, o púbere torna-se territorial, agressivo, impulsivo, irritável, não pede ajuda, mas também não a oferece, não fala de si, tranca-se com seus pensamentos, sentimentos e sofrimentos, buscando a auto-afirmação a todo custo.

Nas meninas, essa onipotência não é muito evidente e se expressa por meio da revolta nos momentos em que se sente injustiçada, incompreendida ou rejeitada. Sensível, sofre também pelos outros injustiçados. Embora possa ficar agressiva, respondona e resmungona, não chega ao nível de mau humor e de agressividade dos rapazes.

O estirão é mais evidente nos rapazes. Eles aumentam muito de altura, em conseqüência do alongamento do fêmur. O rosto e o pênis ainda são de criança. Perdem o esquema corporal, ficam envergonhados, sofrem ataques de timidez social, mas são loquazes em casa. Não acertam a postura, muito menos as roupas. As meninas engordam, antecipando o arredondamento das formas e o crescimento dos seios. Ficam também bastante envergonhadas.

Observamos uma grande variação no comportamento psicológico com uma grande instabilidade emocional, apesar do alto nível intelectual. Fisicamente, encontramos um desenvolvimento caracterizado pelo aumento de peso corporal e estatura. Essa fase vem acompanhada da incoordenação motora e por um desinteresse competitivo.

Há uma grande necessidade de vivência em grupo, assim como uma necessidade de auto-realização no grupo no qual o jovem está inserido. O aumento brusco dos níveis de testosterona e a erupção da sexualidade é identificado.

A menarca, primeira menstruação nas garotas, e a mutação, mudança de voz nos rapazes. As meninas se aproximam das mães para trocar “confidências ginecológicas” e aprender sobre higiene apropriada para os dias em que estão menstruadas. Amadurecem bastante psicologicamente e começam a lutar por sua independência, tentando livrar-se da proteção da família.

Os rapazes sentem-se mais feios do que nunca: o nariz e as orelhas crescem mais rápido que o restante do rosto, adquirindo formatos adultos e desequilibrando a harmonia facial. O pênis, finalmente, também se desenvolve, para íntima satisfação deles.

Onipotência juvenil pode aparecer em ambos os sexos, embora tenda a ser mais acentuada no masculino. É a “mania de Deus” no jovem: ousado, arrogante, impetuoso, impulsivo, apaixonado, sexualmente potente, com baixíssima tolerância à frustração e cheio de certezas absolutas (o risco não existe). Não respeita ciclos biológicos, como alimentação e sono, tampouco opiniões ou experiências alheias (sobretudo dos pais).

Há uma harmonia das proporções corporais acompanhada da melhoria da coordenação motora e com óbvios reflexos sobre a plasticidade esportiva. Fixação da aprendizagem geral em limites ótimos, assim como se encontra em pleno equilíbrio psíquico. Visualiza-se uma grande e aprimorada modelagem da personalidade e com um nível intelectual aumentado e ainda em desenvolvimento nesta fase.

Aumento mais expressivo sobre a força muscular, possivelmente provocada pela estabilidade e regularização hormonal e psíquica, culminando na treinabilidade máxima possível.

Essa etapa termina com o amadurecimento psicológico. Quanto mais saudável for o adolescente, menos onipotente precisará ser, pois aprendeu a lidar melhor com as frustrações e as incapacidades naturais do ser humano. O vestibular, com suas características competitivas, ajuda bastante a resolver ou, então, a agravar essa “mania de Deus”.

Os pais têm que amadurecer também com o desenvolvimento dos filhos. O mínimo exigido é a mudança de relacionamento com eles. Pais que sabem agir adequadamente, percebendo em que nível se encontram os filhos, protegem e ajudam as crianças, se associam e auxiliam os púberes a se organizar.

A adolescência pode ser dividida das seguintes formas

Segundo Içami Tiba	Segundo Gioia & Rodrigues	Resumo das idades entre as duas formas
1. Confusão pubertária	1. Pubescência	Vai dos 10 aos 12 anos
2. Onipotência pubertária		
3. Estirão	2. Puberdade	Vai dos 12 aos 15 anos
4. Menarca/mutação	3. Pós-puberdade	Vai dos 15 aos 19 anos
5. Onipotência juvenil		

Os pais agora têm que adotar um novo posicionamento educativo. Não podem mais ser como pais de bebês, com o amor dadivoso, como pais de crianças, com o amor que ensina, pois agora o que o adolescente mais precisa é se preparar para a vida futura, fazendo o que sabe, ajudado pelo amor que exige.

2.1. A disputa pela atenção

Os pais precisam encontrar um jeito de dar atenção para o filho no momento em que ele pedir. Se o pai fizer valer sua vontade com base na lei do mais forte, o filho sentirá que ele não é seu companheiro. Daí começam a surgir brechas no relacionamento. No futuro, quando o filho desistir do contato, o pai vai lamentar. A importância para o filho é a convivência e o companheirismo do pai.

Um dos problemas mais sérios no relacionamento entre irmãos é que o primeiro perde o reino quando nasce o segundo, pois a casa passa a funcionar no ritmo da criança menor. É necessário que os pais preparem o mais velho para receber o irmão mais novo. Uma boa dica é pedir para as visi-

tas mais íntimas trazerem um presente para o mais velho e pedir que este lhes mostre onde está o bebê.

Uma criança satisfeita dá liberdade para os pais. Estando insatisfeita, exige atenção o tempo inteiro.

2.2. O exemplo dos pais

Pela própria convivência, os filhos absorvem o comportamento dos pais. Quando os dois trabalham fora, devem se preparar para o retorno ao lar. Não se pode estar em casa pensando no trabalho que foi deixado há pouco. A mãe, principalmente, não pode continuar em um ritmo frenético como se estivesse ainda na empresa.

Enquanto o homem chega em casa à procura de um canto, a mulher chega e corre por todos os cantos. Ao observar a cena, a criança aprende que o pai fica sentado no seu “trono”, ao passo que a mãe se movimenta por toda a casa. Embora não entenda essa divisão de tarefas, o filho registra o modo como tudo ocorre. Querendo identificar-se com o pai, pode copiar o comportamento dele. Portanto a mãe terá de correr por ele também. A criança repete o modelo aprendido com os pais: ela não vai fazer nada, e o outro tem de fazer tudo.

2.3. O quarto do adolescente

Aquilo que é arrumar o quarto para a mãe, para o filho significa desarrumar. Ao mexer na forma, na aparência, no equilíbrio estético do quarto, é como se mexesse no corpo do filho.

Quando as mães arrumam um quarto seguindo o estilo da casa, para que se torne um aposento dentro da unidade do lar, quebram a individualidade juvenil. É a tentativa de laçar o filho com o cordão umbilical, reduzindo o quarto ao costume da casa e o adolescente à infância, fase quando ainda estava sob o controle dos pais.

O jovem precisa dessa “bagunça”. Faz parte da sua formação. O que os pais podem fazer para ajudar é restringir a bagunça a determinado lugar, nem que seja apenas a uma gaveta. E aquilo deve ser respeitado.

2.4. Orientando o horário de estudo

Não convém sobrecarregar a agenda diária do filho com várias atividades, nem deixar o horário muito solto.

Os pais que trabalham fora e que colocam atividades domésticas sob a responsabilidade dos filhos devem tomar cuidado para não sobrecarregá-los ainda mais, não esquecendo que eles têm uma carga de estudos para ser cumprida, para que não venham a ter problemas na escola. Não se pode apenas preocupar com as atividades domésticas; as atividades escolares são dever dos pais segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (art. 4 e 55). Não sendo cumpridos esses deveres, os responsáveis responderão às autoridades da vara da infância e do adolescente.

É preciso estabelecer o tempo de rendimento máximo do seu filho para programar intervalos e administrar melhor o horário. Cada pessoa tem seu ritmo biológico. Uns rendem mais ao cair da tarde, outros pela manhã. Evite que ele estude na poltrona ou no sofá, pois a posição que esses confortáveis móveis exigem mais favorece o descanso que o estudo.

2.5. Disciplina

Um animal domesticado é um ser disciplinado, isto é, treinado. O disciplinador, conhecido popularmente como treinador, impõe ao animal uma série de aprendizados pela lei do prazer e do sofrimento. A primeira arte do treinador é perceber o que provoca prazer e o que faz o animal sofrer. É importante que o treinador crie um clima de afeto e confiança com seu animal.

Às vezes, os filhos têm comportamentos ao estilo animal, buscando somente saciar sua vontade. Ficam tão acostumados a satisfazer seus desejos que já nem pensam mais se o que vão fazer é ou não adequado. Se não forem submetidos a um treinamento, acabam tendo um comportamento violento perante qualquer solicitação que lhes desagrade.

É preciso fazer com que o filho conheça os padrões humanos de comportamento, que utilize a inteligência para superar as dificuldades e resolver os problemas, que conheça os ditames da ética, respeite o próximo e o ambiente em que se encontra. Para isso é preciso receber uma educação que parta dos princípios da coerência, da constância e da consequência.

A primeira lição na vida de uma criança é obediência. Ela tem capacidade de obedecer na hora sem muitas explicações, mesmo antes de completar um ano de idade. É claro que existe hora para explicações. Não havendo possibilidade de explicar antes, logo depois de disciplinada, a criança deve receber as explicações necessárias.

Com relação ao grau de disciplina, é preciso notar que determinadas crianças são tão sensíveis que apenas com palavras podem ser corrigidas. Um olhar severo é suficiente para algumas crianças; outras precisam de algo mais, como um castigo físico. Esse castigo físico é aconselhável, no máximo, entre os dois e sete anos, período em que a base de sua personalidade está sendo formada. A partir daí é melhor usar métodos disciplinadores que atinjam mais sua vontade do que o corpo; um diálogo constante terá que ser exercido. As crianças são inteligentes, gostam de realidade e de fazer o que é certo.

No processo disciplinador, tanto a mãe como o pai devem estar de acordo. Mesmo que um dos dois não esteja por perto no momento da disciplina, esta deve ser feita como se os dois estivessem. Nunca usar o termo: “vou falar para o seu pai quando ele chegar”, ou “vai falar com tua mãe”.

A disciplina deve estar sempre acompanhada do verdadeiro amor que é equilibrado, e não faltará autoridade na hora certa. Nunca permita birra (gritar histericamente e cair no chão), não quebre as regras da casa, não permita greve de palavras. Estas são algumas dicas práticas para manter a disciplina.

2.6. O filho único

O filho único carrega sozinho todos os sonhos e desesperos dos pais, desde a máxima superproteção até a cobrança implacável de defeitos mínimos, que certamente passariam despercebidos se ele tivesse irmãos, pois os pais almejam fazer dele uma criança perfeita.

Os pais devem avaliar a capacidade do filho de suportar a carga. Ele não é obrigado a corresponder a todos os sonhos nem atender a todas as cobranças dos pais.

Disciplinar o filho único às vezes é complicado. Dois adultos à disposição da criança fazendo o que era para ela fazer acabam levando-a a achar que tudo é muito fácil. O filho único só consegue entender duas realidades: ou tudo é muito fácil porque já está pronto ou tudo é muito sofrido porque ele tem que fazer. A melhor maneira de amadurecer, nesse caso, é ser criado ao lado de primos, já que naturalmente entre as crianças estabelecem-se limites mútuos.

2.7. Briga de irmãos

Os irmãos são melhores que os amigos quando estão em paz e piores que os inimigos quando estão em guerra. Agressões verbais são naturais entre irmãos. Ambos disputam o território da convivência num mesmo ambiente. Esse território pode ser afetivo ou material. O egoísmo faz parte da vida e é um ingrediente importante para a sobrevivência, desde que não ultrapasse os limites. A medida certa do egoísmo é até onde não prejudique o outro. Quem define os parâmetros dessa medida, em geral, são os pais.

O tratamento diferenciado dos pais para com os filhos aumenta o conflito entre eles e fica bem mais difícil de administrar. Havendo agressão física, os pais devem interferir drasticamente no sentido de impedir. Numa briga, os filhos estão em plena ação. De nada adiantará tentar falar com eles enquanto estiverem brigando. Quanto mais cedo os pais atuarem nessa situação, melhor. Os pais devem aproveitar que os filhos estão se batendo para entrar firme entre os dois e dar uns safanões em ambos, mas que não machuquem.

Aula 4 Lições práticas

Viver a prática da educação no dia-a-dia requer uma constante vigilância e avaliação de nossos atos, para nos aproximar o máximo do ideal teórico. Podemos acentuar algumas orientações específicas que nos ajudem a colocar em prática uma boa educação para os nossos filhos.

Em termos práticos, a primeira coisa que os pais devem fazer é santificar a si mesmos por amor aos filhos. Na família, você não pode ter dois padrões. Antes dos filhos, provavelmente havia coisas que podiam ser feitas livremente, mas após a chegada deles, deve-se pensar na vida com a sua inserção. Se disserem aos filhos para não dizerem ou não fazerem tal coisa, não irem a determinado lugar, mas, contrariamente à fala, os pais derem o mau exemplo, levarão os filhos a não mais respeitá-los. Por isso os pais devem santificar-se a si mesmos. Isso faz parte da cruz que se deve tomar. Por amor de seus filhos, você voluntariamente abandona determinadas coisas certas que estão no seu direito para manter um só padrão na família.

Ao criar os filhos, tanto o pai quanto a mãe devem viver diante de Deus. Não há como ajudar os filhos se os pais mesmos não viverem na presença de Deus. Se os pais temem a Deus, os filhos temerão a Deus. Se os pais amam a Deus, os filhos amarão a Deus. É imprescindível propiciar a atmosfera correta, ser o exemplo para os filhos.

Os filhos devem ser ensinados e disciplinados em todas as áreas de suas vidas. Os pais não devem apenas prover os filhos das necessidades materiais; essa é a menor parte da paternidade. Os pais devem criar os filhos quanto às suas boas maneiras, forma de vida, hábitos, trabalho, caráter, relacionamentos. Tudo isso precisa ser ensinado e instruído, isto é, inculcado em suas mentes.

Os pais têm a responsabilidade de levar os filhos ao Senhor. Para isso é necessário que os pais criem espaço e tempo sistematicamente para o ensino da Palavra de Deus em seus lares, para que os filhos conheçam profundamente ao Senhor através de sua Palavra e do testemunho de seus pais. A responsabilidade dos pais ao criarem os filhos é levá-los ao Senhor. Se isso ocorrer, não será necessário sair ao mundo para resgatá-los e trazê-los de volta.

Em Deuteronômio 6, temos duas lições práticas: a primeira é amar a Deus com todo o nosso ser, espírito, alma e corpo. Isso é muito mais que aceitar Jesus como Salvador e ir para o céu. É buscar o reino de Deus em primeiro lugar, dedicar toda nossa vida e planos ao plano eterno de Deus. A segunda lição, que envolve a primeira, é a ordenança de compartilhar com nossos filhos a Palavra de Deus de toda maneira possível – sentado em casa, andando pelo caminho, ao deitar-nos e ao levantar-nos. Uma das maneiras práticas de fazer isso é o culto doméstico. O culto doméstico deve ser o centro da vida espiritual do lar. Sem ele é praticamente impossível criar nossa família para Deus. Ele é o altar, o lugar de comunicação com Deus e de uns com os outros. Se todos aprendermos a servir ao Senhor na família, descobriremos que tal serviço será estendido à Igreja. A adoração começa na família e se estende até à Igreja, não o inverso. Para isso é necessário que haja um altar na família. À medida que os filhos forem crescendo, Deus não será um desconhecido para eles. Eles estarão familiarizados com Deus. Se toda família tiver um altar e se unir em torno dele servindo a Deus, a vida da Igreja será imensamente fortalecida.

Limites

Todos os animais usam estratégias para saciar os instintos que são comportamentos geneticamente determinados. O comportamento estilo animal pode surgir em diferentes situações: em momentos de alta tensão psíquica. Os seres humanos precisam de limites para chegar ao equilíbrio dessas ações instintivas de seu comportamento. Os limites são um dos fatores que diferem o homem dos demais animais, pois eles são colocados de modo a atingir a consciência do indivíduo. O homem

é um ser consciente, diferentemente dos outros animais.

Quando uma criança cresce sem limites, podendo fazer tudo o que tiver vontade (instinto), acaba não desenvolvendo plenamente o uso da razão, vivendo no estilo animal de vida. Suas vontades são saciadas, mas não é feliz porque, tão logo a saciedade passe, pede outra vez aquilo pelo que seus instintos clamam.

Um filho educado é feliz porque tem boa auto-estima, resultante da responsabilidade sobre o que lhe pertence. Não confunde a saciedade da vontade de ter com a felicidade de ser.

A criança, cujo comportamento é estilo animal, isto é, que tudo quer, tem a sensação de que vai sofrer muito se não saciar sua vontade. Este é o seu limite: alcançar o que quer. Ela usa a inteligência para procurar ganhar o que deseja e não para conseguir resolver seus problemas com seus próprios esforços. Sem ética, a inteligência é usada para o mal.

Para se colocar limites, o quesito básico é a autoridade, mas não se pode confundir autoridade com autoritarismo. Autoridade está ligada com carinho, refere-se ao afeto no relacionamento; autoritarismo, à posição de poder.

Ao estabelecer um limite, exercendo sua autoridade, o pai não precisa abrir mão do carinho, pois ele está implícito na autoridade. Até mesmo um castigo muito duro pode ser imposto de forma carinhosa e respeitosa, sem abuso de poder. Os gritos utilizados para com os filhos dentro de um lar são a expressão clara do uso de autoridade desprovida de carinho, transformando-se, assim, em autoritarismo.

Carinho cabe em qualquer lugar e deve estar presente em toda relação em que existe amor. Educar, corrigir, colocar limite é relação de amor. O carinho faz a ordem chegar ao coração.

Para o uso adequado da autoridade na família é importante ficar claro que vivemos com outras pessoas, não podendo fazer tudo o que temos vontade; é preciso respeitar o outro.

Educar dá trabalho. Mas trabalho que dá bons frutos. Mais que fazer pela criança, peça a ela que faça enquanto você está perto, para ajudá-la se for preciso. A criança que só fica olhando enquanto a mãe faz aprende a olhar e não a fazer. Quem sabe fazer, aprendeu fazendo.

Birra

Quando a criança é desobediente, é preciso primeiro entender se ela é capaz de realizar aquilo que lhe foi ordenado, verificar se ela tem capacidades físicas, intelectuais e emocionais para a execução. Não façam ameaças que não possam cumprir. A melhor maneira de fazer o filho desobedecer é deixar que ele perceba que os pais não conseguem realizar aquilo que determinaram.

Muitas crianças são rebeldes. Desde pequenas já sabem se impor demonstrando força de ego. O recurso mais usado é a birra. A birra é uma ruptura do relacionamento. A criança está querendo vencer pela violência. Filho birrento deixa a mãe extremamente nervosa por conseguir que ela se sinta impotente e envergonhada perante sua manifestação de birra, que ocorre em qualquer lugar, basta a criança sentir-se frustrada.

Para chegar à birra, a mãe foi indisciplinada: proibiu e cedeu, proibiu e cedeu. Desrespeitou as próprias proibições, ensinando o filho a fazer o mesmo: desrespeitá-las.

Os pais devem agir firmemente contra isso, aplicando castigos, se necessários, e deixando claro que isso não se deve repetir e que não vai ganhar nada agindo assim. Nunca ceder no momento de birra para equilibrar a situação, não importa em que circunstâncias ela se der.

É importante perceber que a birra só acontece quando há atenção, portanto o melhor a fazer, quando isso for possível, dependendo do lugar em que se está, é isolar a criança num espaço seguro

em que você esteja por perto até passar um momento. Sendo o objetivo da birra irritar os pais, não tendo a quem irritar, será obrigada a parar, pois saberá que não conseguirá o objetivo.

Liberdade

A liberdade é um fator importante a ser trabalhado pelos pais com seus filhos. A melhor disciplina é a regida pela liberdade. Liberdade é poder material e psicológico, mas só tem valor quando associada à responsabilidade. Liberdade absoluta não existe, pois está sempre relacionada a algo. A liberdade está relacionada com a sensação de satisfação, de estar fazendo o que se tem muita vontade de fazer.

Existe liberdade apenas antes de uma escolha. Uma vez feita a escolha, ela envolve responsabilidade e o conseqüente prazer em desfrutar essa escolha. A criança não sabe o que é liberdade pessoal. Simplesmente faz o que tem vontade de fazer. É preciso ensinar que liberdade é o poder de escolher, e quando se escolhe, essa liberdade terminou: entra a responsabilidade de exercer a escolha. Quem é mais livre: a cigarra que canta ou a formiga que trabalha? Nenhuma das duas. Tanto a cigarra quanto a formiga seguem seu determinismo genético. O resto é fábula. Elas não escolheram e, ainda que escolhessem, teriam que estar exercendo sua escolha.

No começo da vida, a criança é como esses insetos: instintiva. À medida que vai se desenvolvendo, entende o princípio dessa liberdade.

A adolescência é o auge de se discutir a questão da liberdade, pois a sociedade, através de suas filosofias, coloca à disposição dos jovens um conceito “romântico” e fabuloso do que vem a ser a liberdade.

O que se deve ensinar para os filhos, principalmente quando na fase da adolescência e juventude, é que a Liberdade é a capacidade de fazer escolhas e, acima de tudo, realizar essas escolhas com responsabilidade e respeito ao outro, enfatizando que esse outro está principalmente em família.

Erro

A criança aprende fazendo tentativas. Erros e acertos são fundamentais. Se os pais não aceitarem os erros, criticando duramente o filho, ele próprio deixará de aceitar seus erros, perdendo, então, a liberdade de arriscar.

O acerto passa a ser uma moeda de troca pela aceitação dos pais, pois errar é desagradar, e acertar é agradar, logo o acerto é o objetivo e não a tentativa. A criança passa a depender do critério que os pais utilizam para aprovar ou não a atitude dela. A perda de liberdade de tomar iniciativa, de tentar, gera a timidez.

Uma educação severa, em que o erro é castigado e o acerto nem sempre é premiado, gera pessoas tímidas. Portanto a timidez é uma criação dos homens.

Quando a repressão é muito grande, a criança amolda-se e sofre calada. Caso não se adapte à repressão, ela seleciona ambientes em que pode ficar quieta e nos quais pode bagunçar. Essa é a explicação para aquelas crianças tímidas na escola e superbagueceiras em casa ou tremendamente obedientes em casa e indisciplinadas fora dela. Elas obedecem parcialmente à repressão na presença dos repressores. Na ausência deles, passam a reprimir os outros, a “delinquir”. É o método da gangorra: de um lado, senta a timidez; do outro, a delinquência.

A timidez paralisa, preenche a cabeça com pensamentos de baixa auto-estima e insucesso. Tímidos têm baixa apreciação sobre si mesmos porque seus pais, excessivamente críticos, não lhes deram a segurança de serem amados, mas aprovados ou não.

Aula 5 Preparando as futuras famílias - ensinar a visão

É essencial que cada família cristã tenha visão. Sem visão não temos futuro e nem alvo – vivemos apenas para comer, beber e dormir. “Não havendo visão, o povo perece...” (Pv. 29:8).

Devemos ser um povo profético, um povo de visão, que profetiza não só com a boca, mas também com a vida. Abraão, apesar de não ter proferido nenhuma profecia, foi considerado um profeta porque andou na visão que Deus lhe deu. Ser um povo profeta é andar na visão de Deus.

A igreja deve ser composta de famílias com visão profética, com revelação e entendimento do que está acontecendo no relógio de Deus.

Nem sempre damos o devido valor a certas situações dos nossos filhos. Falar em se preocupar com o futuro cônjuge dos filhos pode parecer um certo exagero, mas com certeza o inimigo de Deus não espera nenhum tempo para começar a arquitetar contra suas vidas do começo ao fim. Diante da desolação social do ponto de vista de família que estamos assistindo nos tempos atuais, é muito comum que as famílias cristãs estejam considerando todas as coisas diante de Deus, inclusive o futuro espiritual dos filhos em servir a Deus solteiros ou formando família. Entendendo a integralidade da vida do cristão, tanto o casamento como a carreira profissional dos filhos devem estar sendo colocados diante de Deus.

Precisamos incluir nossos filhos na visão da família de buscar o reino de Deus em primeiro lugar através de compartilhar com eles nossos planos e projetos. Devemos considerá-los companheiros e colegas na obra de Deus. Um bom tempo para fazer isso é no culto doméstico onde deve haver espaço para conversar sobre assuntos práticos e orar sobre eles. A leitura da Bíblia sempre nos dará oportunidade de comparar e encaixar a visão específica da família dentro da visão global da Palavra de Deus. Se os nossos filhos crescem a par dos problemas e sendo ajudados a carregar o peso dos conflitos, vão amadurecer mais depressa e sentir-se realmente parte da família e de seus objetivos. Quando ficarem adultos, vão entender que a vida é muito mais do que comer, dormir, casar e enriquecer. Além dessas atividades naturais, temos um alvo para cumprir, e eles vão se sentir inspirados a dedicar suas vidas para esse alvo.

Uso do tempo e dinheiro

O uso correto de tempo e dinheiro faz parte do reino de Deus. O tempo é de Deus, e devemos ter mordomia sobre ele. Devemos sempre nos importar como os nossos filhos gastam o seu tempo. Devemos procurar saber o que eles fizeram durante o dia, o que leram, como estão as atividades na escola, enfim saber de sua vida no decorrer do dia. Criança tem que brincar, mas também tem que aprender a fazer coisas, aprender a ser útil à medida que vai alcançando a idade em que possam ser introduzidas algumas tarefas. O fato de organizar bem o tempo de seus filhos não vai deixá-los tristes e revoltados, antes vai produzir disciplina em suas vidas e alegria permanente. Aprendendo a usar bem o tempo que Deus lhes deu, os filhos vão prosperar na vida.

Assim como o tempo, o dinheiro também pertence a Deus, e devemos ensinar nossa família a usá-lo bem. O pai deve compartilhar com a esposa e filhos sobre as finanças da família, seus planos e dificuldades. É muito bom para os filhos ficarem a par da situação e até ajudar em oração e com algum sacrifício, pois isso lhes trará um ensinamento prático que jamais vão esquecer. É muito importante ensinar a criança a gastar bem o dinheiro que ganha, e não com luxo e vaidade. Nesse caso, a prática de oferecer uma pequena mesada aos filhos é didática, pois dessa forma a criança pode aprender na prática a administrar. O valor da mesada não é o mais importante, pois será de acordo com o rendimento da família; o importante é como será administrado esse valor.

Se praticarmos e ensinarmos mordomia sobre tempo e dinheiro, nossos filhos nunca vão esque-

cer que essas duas coisas pertencem a Deus. É muito importante inculcarmos em nossos filhos que o desperdício de tempo e dinheiro é algo seriíssimo, quase pecaminoso, pois são recursos divinos dados a nós para avançarmos no reino de Deus.

Responsabilidade – hábitos de trabalho

Muitos pais, talvez porque tenham trabalhado demais na infância, consideram um favor dar para os filhos o máximo possível. Quando ficam adultos, isso se torna uma maldição porque não sabem como enfrentar o mundo. Muitos pais dizem dar tudo para o filho o que eles não tiveram, mas lhes negam aquilo que eles tiveram. O que eles tiveram é o mais importante: responsabilidade, força de vontade e garra para o trabalho. É isso que deve ser dado aos filhos; as demais coisas são acréscimos.

Devemos ensinar nossos filhos a não terem atitude de fazer o mínimo possível só para cumprir uma obrigação, mas a trabalhar com orgulho, fazendo a tarefa bem feita para agradar aos pais e glorificar a Deus. Devem ter iniciativa e criatividade, fazendo mais do que foi solicitado. O tipo de pessoa que faz com esmero o que lhe foi pedido e ainda muito mais sempre vai subir em qualquer tipo de emprego.

Outra atitude a ser cultivada é a fidelidade. Finalmente os filhos devem aprender a ter respeito às autoridades no trabalho e abertura para serem corrigidos. Para terem sucesso em qualquer profissão ou atividade, precisam ser ensinados a trabalhar com a atitude de fazerem tudo bem feito, com iniciativa e espontaneidade, com fidelidade e abertura para serem corrigidos (Ef 6:5-6).

Carreira e casamento

A escolha da carreira e de casamento para nossos filhos deve ser baseada no propósito e vontade de Deus. Se vão para a faculdade ou exercer certa profissão, é preciso saber por que e como isso vai se encaixar no plano de Deus. Não é evidência de vivência no reino de Deus um jovem que trabalha e estuda demais, apenas para ganhar mais dinheiro e posição. Não é errado que o jovem curse faculdade se tem uma direção clara de Deus sobre isso. O erro é estar fora da vontade de Deus, e isso em qualquer situação. É preciso entender que a vida do cristão não é dividida entre vida secular e espiritual. O cristão deve ter uma vida integral, para o que os pais devem estar trabalhando, principalmente na fase em que o jovem vai se dedicar a assuntos entendidos como seculares, como se estes estivessem desvinculados dos planos de Deus. A família precisa estar junta no sentido de buscar a direção correta de Deus em comunhão e oração, levando em conta princípios e valores aprendidos na Palavra de Deus, que será a base sólida para uma decisão acertada.

Deus não tem bênçãos para carreira e/ou casamento para aqueles que estejam fora do seu propósito, pois, ao abençoar o homem, Deus o faz com vistas à realização do seu plano. O plano do homem deve estar incluído no de Deus. O homem não tem plano. Quem tem plano é Deus e, dentro do plano de Deus, o homem se insere. No entanto, o homem pode planejar. Essa é uma das formas de Deus proporcionar ao homem uma participação em seu plano. Deus não chamou o homem para ser passivo, mas, ao contrário, ativo, desde o planejar até o realizar pelas mãos dele.

Quanto ao casamento, as famílias cristãs precisam estar totalmente desvinculadas dos modelos da sociedade atual, pois a sociedade não tem pretensão nenhuma de entrar no matrimônio para colaborar com o propósito de Deus, e sim para satisfazer seus próprios caprichos. Quando uma experiência não atendeu seus desejos, um dos cônjuges, ou ambos, partem para outra independente do que Deus pensa. Diga-se de passagem, muitos que dizem ser filhos do reino, nesse aspecto, têm tomado atitudes desvinculadas da opinião de Deus. A fase do namoro é um ponto importantíssimo para que os pais estejam juntos com seus filhos. Apesar de ser uma área extremamente pessoal, não se pode deixar tamanha responsabilidade apenas nas mãos de um ser que ainda está em formação.

É responsabilidade dos pais favorecer o diálogo para que suas experiências possam facilitar acertos, evitando perdas desnecessárias. Não se deve acompanhar a multidão: “Porque o filho(a) da vizinha está namorando, o meu também tem que estar”. Nosso Deus é um, e ele tem um mover para cada um de nossos filhos.

Bibliografia

- O propósito de Deus para a família – Stephen Kaung - Edições Tesouro Aberto.
- A família, ícone da Trindade – Nicola Giordano – Paulinas.
- Famílias Restauradas – Pe Leo – Editora Canção Nova.
- Maria, a maior educadora da História – Augusto Cury - Planeta.
- Filhos brilhantes, Alunos fascinantes – Augusto Cury – Editora Academia de Inteligência.
- Disciplina, limite na medida Certa – Içami Tiba - Editora Gente.
- Adolescente, quem ama educa. – Içami Tiba - Editora Gente.
- Sete Necessidades Básicas da Criança – John M. Drescher – Editora Mundo Cristão.
- Sete Princípios para a Formação da Família Cristã – John Walker – Worship.
- Vivendo em Família, relações de afeto e conflito – Maria Luiza Dias – Ed. Moderna.
- Ser Pai – CPTN.
- As cinco linguagens do amor a seu cônjuge – Gary Chapman – E. Mundo Cristão.
- As cinco linguagens do amor das crianças – Gary Chapman – E. Mundo Cristão.